

ELIF BATUMAN

# A idiota

*Tradução*  
Odorico Leal



*Mas a característica da idade ridícula que eu atravessava — idade nada ingrata, aliás muito fecunda — é que não se consulta a inteligência e que os menores atributos das criaturas parecem fazer parte indivisível de sua personalidade. Sempre cercados de monstros e deuses, a gente quase não conhece o sossego. E quase todos os gestos que fazemos por essa época, desejaríamos suprimi-los mais tarde. Mas, ao contrário, o que se deveria de fato lastimar seria não mais possuímos aquela espontaneidade que nos inspirava. Depois, veem-se as coisas de maneira mais prática, em plena concordância com o resto da sociedade, mas a adolescência é a única época da vida em que aprendemos algo.*

Marcel Proust, *Em busca do tempo perdido* (v. 2: À sombra das raparigas em flor. Trad. de Fernando Py)

## PARTE I

# Outono

Eu não sabia o que era e-mail até entrar na faculdade. Tinha ouvido falar sobre isso e sabia que, de algum jeito, eu “teria” um e-mail. “Vai ser muito chique”, disse a irmã da minha mãe, que se casara com um cientista da computação, “você enviando seus e-mails”. Enfatizou o “e” e fez uma pausa antes do “mail”.

Naquele verão, ouvi menções ao tal e-mail numa frequência crescente. “As coisas estão mudando tão rápido”, comentou meu pai. “Hoje no trabalho naveguei pela rede mundial de computadores. Num segundo, eu estava no Metropolitan Museum of Art. No outro, estava em Anıtkabir.” Anıtkabir, o mausoléu de Atatürk, localizava-se em Ancara. Eu não tinha a menor ideia do que meu pai estava falando, mas sabia que naquele dia ele não estivera “em” Ancara em nenhum sentido concreto, então não dei muita atenção.

No primeiro dia de faculdade, esperei numa fila para receber um endereço de e-mail e uma senha temporária. O “endereço” tinha meu sobrenome — Karadağ, mas em letras minúsculas e sem o ğ turco, silencioso. Desde muito cedo aprendi que a ideia de um g silencioso era uma coisa engraçada. “O g é silencioso”, eu costumava dizer, numa voz cansada, e sempre provocava risos. Eu não entendia como o endereço de e-mail podia ser um endereço, ou se era uma abreviação. “E o que a gente faz com isso, se enforca?”, perguntei, mostrando o cabo Ethernet.

“Você conecta na parede”, respondeu a moça atrás da mesa.

Como eu não entendia nada daquilo, imaginava que o e-mail se parecia com o fax e envolvia uma impressora. Mas não havia impressora. Havia outro mundo. Era possível acessá-lo a partir de certos computadores espalhados pela paisagem corriqueira, em nada diferentes dos demais. Sempre lá, intacta, numa configuração que ninguém mais podia ver, você encontrava uma lista reluzente de mensagens de todas as pessoas que você conhecia e de pessoas que você não conhecia, todas com as mesmas letras, numa caligrafia universal do pensamento ou do mundo. Algumas mensagens mantinham a forma epistolar, com “Querida” e “Atenciosamente”; outras, telegráficas, em letras minúsculas, faltando pontuação, como se tivessem sido transmitidas diretamente do cérebro das pessoas. E cada mensagem continha a anterior, de modo que suas próprias palavras voltavam para você — todas as palavras que você jogava ao vento voltavam. Era como se a história de suas relações com os outros, a história da intersecção da sua vida com outras vidas, estivesse sendo constantemente registrada e atualizada, e você pudesse consultá-la a qualquer momento.

Era necessário esperar em muitas filas e recolher um bocado de material impresso — instruções, na maior parte: como reagir em casos de assédio sexual, relatar distúrbios alimentares ou solicitar empréstimos estudantis. Num vídeo, mostravam um estudante recentemente graduado que quebrara a perna e não conseguira pagar os empréstimos. O objetivo era demonstrar que o orçamento que ele havia traçado não era bom: um bom orçamento leva em conta a possibilidade de lesões debilitantes. O banco era uma beleza, pelo menos em termos de filas e materiais impressos. Ganhava-se também



um dicionário grátis. O dicionário não incluía nem “*ratatouille*” nem “diabo-da-tasmânia”.

Na escada próxima ao meu quarto, ouvi uma cantoria desafinada e o estalar de chinelos de borracha. Era minha nova colega de quarto, Hannah, de pé numa cadeira, colando logo acima da escrivaninha um aviso em que se lia “ESCRIVANINHA DA HANNAH PARK”. Cantarolava monotonamente, acompanhando a música dos Blues Traveler que ouvia no discman. Quando entrei, ela se virou numa pantomima de surpresa, balançou pra lá e pra cá, até pular no chão ruidosamente, retirando os fones de ouvido.

“Você já pensou em seguir carreira como mímica?”, perguntei.

“*Mímica?* Querida, sinto informar que meus pais me colocaram em Harvard para que eu me torne cirurgiã, não mímica.” Assoou o nariz. “Ei! *Meu* banco não me deu um dicionário!”

“Não tem ‘diabo-da-tasmânia’”, eu disse.

Ela puxou o dicionário da minha mão, folheando as páginas. “Tem um número suficiente de palavras.”

Eu disse que podia ficar com ele, e ela foi guardá-lo na prateleira, ao lado do dicionário que ganhara no colégio, como prêmio por ser a oradora da turma. “Ficam bem juntos”, comentou. Perguntei se o outro dicionário tinha “diabo-da-tasmânia”. Não tinha. “O diabo-da-tasmânia não é um personagem de desenho?”, perguntou, com ar suspeito. Mostrei-lhe a página no meu outro dicionário em que constava não apenas “diabo-da-tasmânia”, como também “lobo-da-tasmânia”, com uma imagem do lobo, um pouco entristecido, olhando por cima do ombro esquerdo.

Hannah chegou bem perto de mim e examinou a página. Depois, olhando para os lados, sussurrou calorosamente no meu ouvido: “Essa música está tocando o dia todo”.

“Que música?”

“Psiuuu — silêncio absoluto.”

Fizemos silêncio absoluto. Distantes cordas românticas se esgueiravam por debaixo da porta da nossa outra colega de apartamento, Angela.

“É a trilha sonora de *Lendas da paixão*”, Hannah sussurrou. “Ela está ouvindo isso a manhã inteira, desde que me levantei. Ficou lá dentro com a porta fechada, tocando essa fita sem parar. Bati na porta, pedi que abaixasse o som, mas ainda dá pra ouvir. Tive de colocar meu discman pra abafar.”

“Não está tão alto”, eu disse.

“Mas é esquisito ela ficar lá trancada desse jeito.”

Angela chegara ao nosso alojamento de dois quartos às sete da manhã do dia anterior e se instalara no quarto individual, me obrigando a compartilhar com Hannah o quarto com beliche. Quando cheguei, à noite, encontrei Hannah andando em círculos, furiosa, mudando os móveis de lugar, espirrando, aos berros com Angela. “Eu nem cheguei a ver a cara dela!”, gritou de debaixo da escrivaninha. De repente, conseguiu desencaixar duas coisas que vinha puxando arduamente e bateu a cabeça. “Ahhh!”, exclamou. Engatinhou de onde estava e apontou com ódio a mesa de Angela: “Sabe esses livros aí? São falsos!”. Pegou o que parecia ser uma pilha de quatro volumes encadernados — *A Bíblia Sagrada* impresso na lombada de um deles —, sacudiu o conjunto bem na minha cara e largou de novo na mesa. Era uma caixa de madeira. “O que será que tem aí?” Deu batidinhas na Bíblia. “O último testamento de Angela?”

“Hannah, por favor, seja mais cuidadosa com a propriedade alheia”, disse uma voz suave. Só então reparei na presença de um pequeno casal de coreanos sentados à janela — os pais de Hannah, evidentemente.

Angela apareceu. Era negra, tinha uma expressão doce e usava uma jaqueta e uma mochila da Harvard. Hannah imediatamente a confrontou em relação ao quarto individual.

“Pois é”, disse Angela. “É que eu cheguei muito cedo e estava com um monte de malas.”

“É, eu bem reparei nas malas”, retorquiu Hannah, escancarando a porta do quarto da outra. Por cima da única janela Angela havia pendurado um tecido amarelo e uma grinalda de rosas de pano. Na penumbra, viam-se quatro ou cinco malas do tamanho de uma pessoa.

Sugeri que talvez cada uma de nós pudesse ficar por um terço do ano com o quarto individual. Angela ficaria primeiro. A mãe de Angela chegou, arrastando outra mala. Parou na entrada do quarto da filha e disse: “A vida é assim”.

O pai de Hannah se levantou e sacou a câmera. “As primeiras colegas de quarto! É um relacionamento importante!” Tirou várias fotos de Hannah comigo e nenhuma com Angela.

Hannah comprou uma geladeira para a área comum e disse que eu poderia usá-la caso também comprasse alguma coisa para o quarto, como um pôster. Perguntei que tipo de pôster ela tinha em mente.

“Psicodélico.”

Eu não sabia o que era um pôster psicodélico, então ela me mostrou o caderno psicodélico dela. Tinha uma espiral fluorescente multicolorida, com lagartos roxos andando ao redor e desaparecendo no centro.

“E se não tiverem nada assim?”



“Então uma fotografia do Albert Einstein”, respondeu resoluta, como se essa fosse a óbvia opção seguinte.

“Albert Einstein?”

“Sim, uma daquelas fotos preto e brancas. Você sabe, Einstein.”

A livraria do campus tinha mesmo uma seleção enorme de pôsteres de Albert Einstein: Einstein diante do quadro-negro, Einstein num carro, Einstein mostrando a língua, Einstein fumando cachimbo. Eu não entendia exatamente por que era preciso ter um retrato de Albert Einstein na parede. Mas era melhor do que comprar minha própria geladeira.

O pôster que comprei não me parecia nem melhor nem pior do que os outros pôsteres do Einstein, mas Hannah pareceu não gostar. “Hum. Acho que vai ficar legal ali.” Apontou para o espaço em cima da minha estante de livros.

“Mas assim você não vai ver o pôster.”

“Não tem problema. Ali fica melhor.”

A partir daquele dia, todo mundo que aparecia no nosso quarto — vizinhos querendo alguma coisa emprestada, membros da equipe de computação da residência universitária, candidatos ao conselho estudantil, o tipo de gente para quem meus pequenos entusiasmos deveriam ser fonte de pouca ou nenhuma preocupação — não poupava esforços para me dissuadir da minha grande admiração por Albert Einstein. Einstein tinha inventado a bomba atômica, maltratava cachorros, negligenciava os filhos. “Tivemos gênios muito mais importantes do que Einstein”, disse um calouro búlgaro que veio pegar emprestado meu exemplar de *O duplo*, do Dostoiévski. “Alfred Nobel odiava matemática e não deu nenhum prêmio Nobel para matemáticos. Vários deles mereciam muito mais do que Einstein.”

“Entendo.” Entreguei o livro. “Bem, a gente se vê.”

“Obrigado”, ele disse, ainda encarando o pôster. “Esse homem bate na mulher, obriga a mulher a resolver os problemas matemáticos dele, a fazer todo o trabalho sujo, e ele não dá nenhum crédito a ela. E você coloca uma foto dele na parede.”

“Olha, não me envolva nisso”, falei. “Esse pôster não é meu. É uma situação complicada.”

Ele não me dava ouvidos. “Neste país, Einstein é sinônimo de gênio, enquanto gênios muito maiores são totalmente desconhecidos. E por quê? Eu gostaria de saber.”

Suspirei. “Talvez porque ele seja, de fato, o melhor de todos, e mesmo os difamadores mais invejosos não chegam a afetar o estrelato dele”, eu disse. “Nietzsche diria que um gênio assim tem *autorização* para bater na mulher.”

Aquilo calou a boca dele. Depois que saiu, pensei em tirar o pôster. Eu queria ser uma pessoa corajosa e nunca me intimidar com as opiniões estúpidas de outras pessoas. Mas qual era a opinião estúpida: acreditar que Einstein era incrível ou que era a pior pessoa do mundo? No fim, deixei o pôster no mesmo lugar.

Hannah roncava. As vidraças, as vigas da cama, as molas do colchão, minha caixa torácica, tudo no quarto que não fosse um bloco sólido de madeira vibrava em simpatia. Não fazia diferença acordá-la ou virá-la de lado. Ela simplesmente recomeçava um minuto depois. Se ela estivesse dormindo, eu, por definição, estava acordada, e vice-versa.

Convenci Hannah de que ela tinha apneia obstrutiva do sono, que privava suas células cerebrais de oxigênio e comprometia suas chances de ingressar em uma das dez melhores faculdades de medicina. Ela foi ao centro médico do campus e voltou com uma

caixa contendo tiras adesivas que, coladas ao nariz, supostamente evitavam o ronco. A imagem na caixa mostrava um homem e uma mulher olhando para longe, ambos com tiras nasais de plástico, uma brisa suave soprando no cabelo da mulher.

Hannah puxou o nariz para cima, pela lateral, e, com os polegares, coloquei com delicadeza a tira no lugar indicado. Seu rosto parecia tão pequeno, tão de bonequinha, que senti uma onda de ternura por ela. Mas logo começou a gritar alguma coisa, e a ternura passou. As tiras funcionaram, mas lhe causavam cefaleias sinusais, então ela parou de usá-las.

Nos longos dias que se estendiam entre noites ainda mais longas, eu perambulava de sala em sala realizando testes de aptidão. Você tinha de sentar em alguma sala num subsolo e escrever ensaios discutindo se era melhor ser polímata ou especialista. Havia um teste de raciocínio quantitativo repleto de exercícios matemáticos entremeados por narrativas melancólicas — “O gráfico a seguir prevê a massa hipotética em gramas de um frango de corte de até oito semanas de idade”. Toda noite acontecia alguma reunião importante em que você sentava no chão e era informada de que agora você era um pequeno peixe num enorme oceano e que era preciso enxergar essa circunstância como um desafio excitante em vez de uma fonte de ansiedade. Tentei não dar muita importância à coisa toda sobre o peixe, mas depois de um tempo aquilo começou a me deprimir. Era difícil ficar animada quando alguém insistia em lhe dizer que você era um peixinho num oceano gigante.

Minha orientadora acadêmica, Carol, tinha sotaque britânico e trabalhava na Secretaria de Tecnologia da Informação. Vinte anos



antes, na década de 1970, recebera o grau de mestre em nórdico antigo por Harvard. Eu sabia que a Secretaria de Tecnologia da Informação era para onde você enviava sua conta de telefone todos os meses. Fora isso, a esfera de atividade de Carol era misteriosa. Onde entrava o nórdico antigo? Sobre o trabalho que fazia, disse apenas que era “uma pessoa de muitos interesses”.

Hannah e eu pegamos um resfriado terrível e nos revezamos comprando os remédios. Bebíamos o xarope no copinho de plástico, entornando tudo de uma vez, como se fosse uma dose de vodka.

Quando chegou a hora de escolher as disciplinas, todo mundo disse que era de suma importância se inscrever nos seminários para calouros, pois de outra forma poderia levar muitos anos até você ter uma chance de trabalhar com professores titulares. Fiz a inscrição em três seminários de literatura e fui convocada para uma entrevista. Compareci ao andar mais alto de um frio prédio branco, onde tremi por vinte minutos num sofá de couro debaixo de uma claraboia, me perguntando se eu estava no lugar certo. Na mesa de centro, alguns jornais estranhos. Foi a primeira vez que vi o *Times Literary Supplement*. Não conseguia entender nada no *Times Literary Supplement*.

Uma porta se abriu e o professor me chamou. Estendeu a mão — uma mão imensa, num pulso incrivelmente magro e pálido, que o casaco enorme só destacava.

“Acho que eu não devia apertar sua mão”, eu disse. “Estou resfriada.” Na mesma hora tive uma violenta crise de espirros. O professor me olhou espantado, mas rapidamente se recompôs. “*Gesundheit*”, disse, com muita civilidade. “Que pena que você não está se sentindo muito bem. Esses primeiros dias de faculdade podem ser difíceis para o sistema imunológico.”

“É o que estou aprendendo.”

“Bem, é disso que se trata”, ele disse. “Aprender! Ha, ha!”

“Ha, ha”, respondi.

“Bem, vamos ao que interessa. Pela sua solicitação, você parece ser muito criativa. Gostei do seu ensaio. Minha única preocupação é que você entenda que esse seminário é uma disciplina acadêmica, não uma aula de escrita criativa.”

“Certo”, eu disse, concordando energicamente com a cabeça e tentando determinar se algum dos retângulos na minha visão periférica era um caixa de lenços de papel. Infelizmente, eram livros. O professor falava das diferenças entre escrita acadêmica e escrita criativa. Eu continuava concordando, mas na verdade pensava nas equivalências estruturais entre uma caixa de lenços de papel e um livro: ambos consistiam em folhas de papel branco numa caixa de papelão; no entanto — e isso era irônico —, havia pouquíssima equivalência funcional, especialmente se o livro não era seu. Eu pensava nesse tipo de coisa o tempo todo, embora nada disso fosse nem útil nem agradável. Eu não tinha a menor ideia sobre o que eu deveria estar pensando.

“Você acha”, o professor dizia, “que conseguiria passar duas horas lendo a mesma passagem, a mesma frase, talvez até a mesma palavra? Será que você acharia isso tedioso ou maçante?”

Como minha habilidade em passar horas contemplando a mesma palavra raramente tinha sido encorajada antes, fingi que tinha de pensar sobre o assunto. “Não”, respondi, por fim.

O professor assentiu com a cabeça, pensativo, franzindo as sobrancelhas e cerrando os olhos. Compreendi com um aperto no coração que eu tinha de continuar falando. Elaborei: “Eu gosto de palavras. Elas não me entediam de jeito nenhum”. Depois, espirrei cinco vezes.



Não fui aceita. Me chamaram somente para mais uma entrevista, para um seminário chamado “Forma no cinema de não ficção”. Eu me candidatei porque minha mãe, que sempre quis ser atriz, tinha entrado havia pouco num curso de criação de roteiro e agora queria fazer um documentário sobre a vida de estrangeiros com diploma de medicina na América — pessoas que não tinham passado nos exames da junta médica e terminaram dirigindo táxis ou trabalhando em farmácias; e pessoas, como a minha mãe, que passaram no exame e se tornaram pesquisadores em instituições de segunda categoria, onde sempre tinham as ideias roubadas por gente da Johns Hopkins ou de Harvard. Minha mãe expressou várias vezes a esperança e a convicção de que eu a ajudaria a fazer esse documentário.

O professor de cinema estava com um resfriado pior que o meu. Parecia uma coisa mágica, um presente. A gente se encontrou numa sala cheia de telas azuis cintilantes. Conteí sobre minha mãe, nós dois espirrando continuamente. Foi o único seminário para calouros em que fui aceita.

Fui comprar uma coca diet na lanchonete do centro estudantil. Na fila, o rapaz na minha frente demorava uma eternidade para fazer o pedido. Primeiro, queria chá gelado, mas não tinha.

“Tem limonada?”, perguntou.

“Limonada tenho em lata e na garrafa.”

“É a mesma marca em lata e na garrafa?”

“A garrafa é Snapple. A lata é, hum, Country Time.”

“Quero a garrafa. E um folhado de maçã.”

“Estamos sem folhado de maçã. Tem de queijo e framboesa.”

“Tem chips de batata assados?”

“De que tipo?”

Era a conversa mais tediosa do mundo, mas, por algum motivo, eu não conseguia parar de ouvir. Aquilo continuou até que o rapaz finalmente pagou pela limonada Snapple e por um muffin de blueberry e se virou para sair. “Desculpa a demora”, falou. Ele era bem bonito. “Sem problema”, respondi.

Ele sorriu e começou a se afastar, mas hesitou. “Selin?”

“Ralph!”, exclamei, me dando conta de que conhecia o rapaz.

Ralph e eu tínhamos nos conhecido no verão passado num programa para alunos do ensino médio, quando passamos cinco semanas numa casa em Nova Jersey, estudando a história interdisciplinar da Renascença na Europa do Norte. O que nos uniu foi o modo como a professora de história mencionava o *doge* de Veneza — que ela chamava simplesmente de “o *doge*” — em praticamente toda aula, independentemente do assunto. Podia estar falando sobre a vida cotidiana no burgo de Delft e de algum modo o *doge* entrava na história. Ninguém mais pareceu notar isso ou achar engraçado.

Sentamos juntos com as nossas bebidas e o muffin dele. Havia algo onírico na nossa conversa, já que eu não lembrava muito bem quão próximos tínhamos ficado no último verão. Eu lembrava que o admirava, pois ele era muito bom em imitar as pessoas. Descobri também que de alguma forma eu tinha muitas informações sobre suas cinco tias — mais do que se saberia sobre alguém que não é seu amigo. Ao mesmo tempo, Ralph estava categorizado na minha mente como o tipo de pessoa de quem eu nunca seria verdadeiramente amiga, porque ele era bonito demais e muito bom em se relacionar com adultos. Era o que minha mãe chamava, em turco, de “um garoto de família”: alinhado, bem articulado, do tipo que não se incomodava em usar um terno ou conversar com os amigos dos pais. Minha mãe tinha adorado Ralph.

Ralph e eu conversamos sobre nossas entrevistas para os seminários de calouros. Ele foi entrevistado por um físico vencedor do prêmio Nobel que não perguntou nada, só o fez limpar parte do equipamento de um laboratório — possivelmente, um detector de raios gama.

Eu me inscrevi numa disciplina chamada “Mundos construídos”, no Departamento de Artes Plásticas. Encontrei o professor, um artista visitante de Nova York, num estúdio cheio de mesas brancas vazias. Levei meu portfólio de arte do ensino médio. Ele me olhou de soslaio.

“Então, quantos anos você tem, afinal?”

“Dezoito.”

“Ai, meu Deus. Essa disciplina não é para calouros.”

“Ah. Devo ir embora?”

“Não, não seja ridícula. Vamos dar uma olhada no seu trabalho.” Ele ainda olhava para mim, não para o portfólio. “Dezoito anos”, repetiu, balançando a cabeça. “Quando eu tinha sua idade, estava tomando ácido e matando aula no colégio. No verão trabalhava numa fábrica de peixe em Secaucus. Secaucus, Nova Jersey.” Ele me olhava com desaprovação, como se eu estivesse de alguma forma atrasada na vida.

“Talvez eu faça isso quando tiver a *sua* idade”, sugeri.

“Sei.” Ele fungou e pôs os óculos. “Bem, vejamos o que temos aqui.” Em silêncio, contemplou os desenhos. Fiquei observando pela janela dois esquilos subindo numa árvore. Um dos esquilos escorregou e caiu pelas várias camadas de folhagem. Era algo que eu nunca tinha visto na vida.



“Bem, olha só”, ele disse, finalmente. “A composição dos desenhos está... o.k. Mas... Posso ser honesto com você, né? Essas pinturas me parecem... meio de menininha? Entende?”

Olhei para as pinturas que ele tinha disposto na mesa. Não é que eu não entendesse o que ele queria dizer. “A questão é”, eu disse, “há pouco tempo eu era mesmo uma menininha.”

Ele riu. “Verdade, verdade. Bem, nesse fim de semana, eu decido. E entro em contato com você. Ou não.”

Hannah se candidatou para ser guia de passeios pelo campus. De manhã eu a ouvia no chuveiro, recitando curiosidades sobre Harvard numa voz encantadora. Mais tarde, como ela não conseguiu o emprego e parou de recitar as curiosidades, senti falta daquilo.

Fui com Angela a uma reunião introdutória no jornal estudantil de Harvard, onde um jovem com costeletas nos disse, repetidamente, da maneira mais agressiva possível, que o jornal estudantil de Harvard era a sua vida. “É a minha *vida*”, insistia, com uma expressão venenosa. Angela e eu trocamos olhares.

No domingo à noite o telefone tocou. Era o artista visitante. “Sua redação até que ficou interessante”, disse. “Os trabalhos em geral eram incrivelmente tediosos. Então, ficarei feliz em tê-la na minha aula.”

“Ah”, eu disse. “O.k.”

“Isso é um sim?”

“Como?”

“Você aceitou?”

“Posso pensar um pouco?”

“Pensar um pouco? Na verdade, não. Tem vários outros candidatos que eu posso chamar. Você topa ou não?”

“Então, acho que topo.”

“Ótimo. Até quinta.”

Fiz um teste para a orquestra da faculdade. O escritório do regente era uma sala hexagonal com uma janela saliente, um piano de cauda e estantes cheias de livros: partituras, enciclopédias, volumes de história da música e crítica. Eu nunca tinha visto uma pessoa da música com tantos livros. Toquei a sonata que eu preparara. Minhas mãos não tremeram, a sala tinha uma acústica maravilhosa, e a expressão do condutor era gentil e atenta.

“Que bonito”, ele disse, com uma ênfase especial que não consegui interpretar. “Muito, muito bom.”

“Obrigada”, respondi. Na segunda seguinte, voltei ao prédio para conferir a tabela de assentos. Meu nome não estava em lugar nenhum, nem mesmo entre os segundos violinos. Senti meu rosto mudando. Tentei controlar, mas não estava funcionando. Eu sabia que qualquer um tocava violino em Harvard, era praticamente obrigatório, e não havia como todo mundo caber na mesma orquestra — o palco desabaria. Ainda assim, em nenhum momento considerei seriamente que talvez eu não entrasse.

Eu não tinha religião e não praticava esportes, e por muito tempo a orquestra foi o único lugar onde eu me sentia parte de alguma coisa maior do que eu, onde eu podia me esforçar e ao mesmo tempo me esquecer. A perda daquele sentimento foi extremamente dolorosa. Já teria sido ruim estar num lugar onde não houvesse orquestra nenhuma, mas era ainda pior saber que havia uma orquestra e que



muitas pessoas faziam parte dela — só que eu não. Quase toda noite eu sonhava com isso.

Eu tinha parado com aulas particulares — não conhecia nenhum professor de música em Boston e não queria pedir mais dinheiro aos meus pais. Nos primeiros meses, ainda pratiquei todos os dias, sozinha, no apartamento, mas aquilo começou a parecer uma atividade estranha e triste, desconectada do resto dos empreendimentos humanos. Em pouco tempo só o cheiro do violino — a cola ou a madeira ou seja lá o que fosse que cheirava daquele jeito quando você abria o estojo — já me deixava melancólica. Às vezes, aos sábados, que era o dia em que eu costumava ir à escola de música, eu ainda acordava animada, querendo tocar. Então lembrava da minha situação atual.

Foi difícil optar por uma disciplina de literatura. Tudo o que os professores diziam parecia irrelevante de certa forma. Você queria saber por que Anna tinha de morrer; em vez disso, eles te explicavam que os fazendeiros russos do século XIX não sabiam se eram de fato parte da Europa. Soava ingenuidade querer falar sobre qualquer coisa interessante, ou pensar que você algum dia poderia aprender alguma coisa útil.

Eu não estava interessada na sociedade ou nos problemas financeiros dos povos de épocas antigas. Eu queria saber o que os livros realmente significavam. Era assim que minha mãe e eu sempre tínhamos falado de literatura. “Quero que você leia isso aqui também”, ela dizia, me mostrando um conto da *New Yorker* em que um marido infeliz no casamento tinha de tomar uma vacina antirrábica, “para você me explicar o que isso realmente significa.” Ela acreditava, e eu também, que toda história tinha um sentido

central. Ou você compreendia esse sentido, ou não tinha a menor ideia.

Fui fazer “Introdução à linguística” para descobrir do que tratavam os estudos linguísticos. Tratavam de como a linguagem era uma competência biológica, inscrita no cérebro — infinita, regenerativa, nunca a mesma coisa duas vezes. A lei mais alta, mais alta que a Sagrada Escritura, era “a intuição de um falante nativo”, uma lei que você não encontrava em nenhuma gramática nem podia programar em nenhum computador. Talvez fosse aquilo que eu quisesse aprender. Sempre que minha mãe e eu falávamos de um livro e eu pensava em alguma coisa que ela não tinha pensado, ela olhava para mim e dizia, admirada, “você *realmente* fala inglês”.

O professor de linguística, um gentil foneticista com um leve problema de fala, era especializado em dialetos tribais turcos. Às vezes ele dava exemplos do turco para mostrar como a morfologia podia ser diferente nas línguas não indo-europeias. Nessas ocasiões ele sorria para mim e dizia: “Eu sei que temos alguns falantes de turco aqui”. Uma vez, no corredor, ele me falou de sua pesquisa sobre variações consonantais nos nomes de algum tipo de braseiro que os turcos cavavam em algum lugar.

Acabei me inscrevendo também numa disciplina de literatura sobre a cidade e o romance do século XIX na Rússia, na Inglaterra e na França. O professor falava frequentemente sobre a inadequação das traduções, lendo passagens de romances em francês e em russo para mostrar como as traduções eram ruins. Eu não entendia nada do que ele dizia em francês ou russo, então eu preferia as traduções.

A pior parte dessas aulas era o final, quando o professor tirava dúvidas. Não importava quão óbvia e estúpida fosse a pergunta, parece que ele nunca entendia. “Não sei se entendi o que você quer saber”, dizia. “Mas se o que você quer saber é essa outra coisa...” Então ele falava sobre essa outra coisa, que, regra geral, também não era interessante. Muitas vezes um ou mais estudantes insistia em reformular a pergunta original, agitando os braços e fazendo outros gestos, até que o rosto do professor se transformava numa máscara de aborrecimento e ele sugeria que, por consideração ao restante da classe, a discussão continuasse em seu gabinete. Essa quebra na comunicação sempre me deprimia.

Você só precisava cursar quatro disciplinas, mas, quando descobri que não cobravam pela quinta, me inscrevi no primeiro semestre de russo.

A professora, Barbara, que se formara na Alemanha Oriental — ela mesma especificou, “Alemanha Oriental” —, nos falou sobre nomes russos e patronímicos. Como o nome do pai dela era Dieter, seu nome russo completo seria Barbara Dietrevna. “Mas Barbara Dietrevna não soa muito russo”, explicou, “então me adaptei para Varvara Dmitrievna — como se o nome do meu pai fosse Dmitri.”

Nós também precisávamos ter nomes russos, embora não houvesse necessidade de um patronímico, já que não éramos figuras de autoridade. Greg se tornou Grisha, Katie virou Kátia. Havia dois estudantes estrangeiros cujos nomes não mudaram — Ivan, da Hungria, e Svetlana, da Iugoslávia. Svetlana perguntou se podia mudar o nome para Zinaida, mas Varvara disse que Svetlana já era um excelente nome russo. Meu nome, por outro lado, embora adorável, não terminava em *-a* ou *-ia*, o que traria complicações



quando estudássemos declinações. Varvara disse que eu podia escolher qualquer nome russo que eu quisesse. Não consegui pensar em nenhum. “Talvez *eu* pudesse ser Zinaida”, sugeri.

Svetlana se virou no assento e olhou bem na minha cara. “Isso é muito injusto”, ela me disse. “Você é uma Zinaida perfeita.”

Por algum motivo me pareceu que Varvara não queria que ninguém se chamasse Zinaida, então dei uma olhada nas páginas com nomes russos e escolhi Sônia.

“Ei, Sônia, que chato isso”, Svetlana, simpática, me disse mais tarde no elevador. “Eu acho que você tem muito mais cara de Zinaida. Que pena que *Varvara Dmitrievna* é uma eslavófila tão calorosa.”

“Vocês torturaram mesmo a professora com essa história de Zinaida”, disse Ivan, o húngaro, que era excepcionalmente, quase insensatamente alto. Nós nos viramos para erguer a cabeça e olhá-lo. “Fiquei com pena”, continuou. “Pensei que ela ia desabar. Aquilo foi demais para seu senso de ordem alemão.” Ninguém disse mais nada durante a viagem de elevador.

O comentário de Ivan sobre o “senso de ordem alemão” foi minha primeira introdução a esse estereótipo. Lembrei de uma piada que nunca entendi em *Anna Kariênina*, quando Oblónski diz do relojoeiro alemão que “tinham dado corda nele a vida toda para que ele, por sua vez, desse corda nos relógios”. Então alemães tinham de ser particularmente organizados e maquinais? Era possível que alemães fossem *de fato* organizados e maquinais? Varvara sempre chegava cedo à aula, vestindo sempre a mesma roupa — uma blusa branca e uma saia preta justa. Na sacola de pano trazia os mesmos três itens de vocabulário: uma garrafa de Stolichnaya, um limão e um rato de borracha, o conteúdo de alguma geladeira deprimente.

Todo dia tinha aula de russo, e rapidamente a língua foi se internalizando e ficando rotineira e séria, embora o que estivéssemos aprendendo fossem coisas que crianças pequenas saberiam, se tivessem nascido na Rússia. Uma vez por semana havia aula de conversação com uma pessoa que tinha vindo de fato da Rússia, Irina Nikolaevna, e sido professora de teatro em Petersburgo quando a cidade ainda se chamava Leningrado. Sempre chegava um ou dois minutos atrasada, falando em russo sem parar, de um jeito comovido e animado. Cada um reagia a seu modo ao ser interpelado numa língua que não entendia. Kátia se calava, com medo. Ivan se inclinava para a frente, com uma expressão animada. Grisha cerrava os olhos e concordava com a cabeça, de um jeito que sugeria os primórdios da compreensão. Bóris, um estudante de doutorado barbudo, folheava cheio de culpa suas anotações, como se estivesse num pesadelo em que já devesse saber russo. Só Svetlana entendia quase tudo, porque o servo-croata era muito similar.

O sistema de transporte de Boston era completamente diferente do metrô de Nova York — as linhas tinham nomes de cores e os veículos eram limpos e pequenos como brinquedos. Mas não eram brinquedos: adultos com expressões sérias no rosto os usavam. A linha vermelha seguia em duas direções, Alewife e Braintree. Nunca se ouviam esses nomes em Nova Jersey, onde tudo se chamava Ridgefield, Glen Ridge, Ridgewood ou Woodbridge.

Ralph e eu fomos a uma confeitaria que ele conhecia em North End. Vendiam *cannoli* em formato de meia-lua, rocambole em formato de tronco de árvore de Natal e biscoitos *palmier*. Ralph pediu um doce chamado *lobster tail*. Comi um pedaço de bolo de chocolate recheado que tinha o tamanho de uma lápide de criança.



Ralph fazia o curso preparatório para medicina e assistia a aulas de história da arte, mas achava que talvez se formasse em administração pública. Boa parte dos estudantes de administração pública era formada por atletas. Não estava claro para mim o que aconteceria com eles depois da faculdade. Seriam nossos governantes? Ralph se tornaria um deles? Ele já *era* um deles? Por um lado, Ralph era engraçado demais e com certeza não tinha muito interesse em guerras. Mas tinha, sim, certa aura tipicamente americana, uma coisa meio ombros largos e perfil altivo, além de uma poderosa obsessão pelos Kennedy. Imitava Jack e Jackie o tempo todo, com aquelas vozes lentas e apatetadas dos anos 1960.

“Gostei muito da campanha, sra. Kennedy”, dizia, olhando para longe com uma expressão surpresa e inibida. Ralph já tinha se candidatado a um estágio na Biblioteca Presidencial JFK.

As aulas de “Mundos construídos” aconteciam às quintas — uma hora antes do almoço e três horas depois. Antes do almoço, o artista visitante, Gary, apresentava uma palestra com slides enquanto passeava pela sala, dando instruções cada vez menos gentis à professora assistente, uma moça silenciosa de aspecto gótico chamada Rebecca.

No primeiro dia, analisamos pinturas de gênero. Num quadro, homens musculosos sem camisa aplainavam um terreno. Em outro, catadores se curvavam num campo amarelado. Em seguida, vimos um still de um filme com pessoas em roupas de gala, sentadas num teatro, seguido de uma gravura cartunesca de um coquetel cheio de homens e mulheres grotescos lançando olhares maliciosos.

“Conhecem *bem* essa festa?”, Gary suspirou, balançando-se nos calcanhares. “Você olha e pensa: eu *conheço* essa cena. Já fui numa

merda de coquetel exatamente assim. E, se você nunca foi, irá — eu garanto, um dia você irá. Porque todos vocês querem ter sucesso, e esse é o único modo... Selin não acredita em mim, mas ela acreditará, cedo ou tarde.”

Dei um pulo. O coquetel se reproduzia em miniatura nas lentes dos óculos de Gary. “Não, não, eu acredito”, disse.

Gary riu. “De verdade? Bem, eu espero que você acredite em mim, porque algum dia você vai conhecer essa cena de trás pra frente. Vai saber o que cada um deles está dizendo e comendo e pensando.” Falou isso como se fosse uma maldição. “Poder, sexo, sexo *como* poder. Tudo isso está aí.” Apontou para a face biliosa de um homem que segurava uma taça de martíni numa mão e tocava piano com a outra. Decidi que Gary estava enganado, que eu definitivamente não conheceria aquele homem. Quando eu tivesse idade para beber, aquele homem provavelmente estaria morto.

O slide seguinte mostrava uma fotografia colorida de uma mulher numa penteadeira, passando batom. A fotografia fora tirada por trás, mas o rosto dela era visível no espelho.

“Pondo a máscara: preparando o eu para exibição, para uma festa ou performance”, Gary cantarolou. “Reparem na expressão dela. *Olhem* bem. Ela parece feliz?”

Houve um longo silêncio. “Não”, entoou um estudante — um novato magrelo de cabeça raspada, cujo nome era ou soava como “Ham”.

“Obrigado. Ela *não* parece feliz. Eu vejo essa peça mais como uma cena de gênero do que como um retrato, porque o que você vê é uma situação genérica: aquilo que está em jogo na invenção do eu.”

O slide seguinte era uma gravura de um teatro visto da perspectiva do palco, revelando os fundos não pintados do cenário, a silhueta dos atores e, mais além, um grande espaço negro.

“Ah, você é artista? Minha mãe é artista. Quer dizer, era. Depois virou arquiteta, depois designer, agora é louca e desempregada, basicamente. Mas já estou falando da minha família de novo. Você está cursando alguma disciplina de artes agora?”

Falei sobre a disciplina “Mundos construídos”, sobre como os museus escondiam coisas das pessoas e como a turma estava planejando algum tipo de manifestação.

“Eu nunca teria coragem de fazer uma disciplina dessas”, ela disse. “Sou muito tradicional, academicamente — outra herança do meu pai. Quando eu tinha cinco anos, ele listou todos os livros que eu tinha de ler, e desde então venho lendo esses livros. Você deve me achar um tédio.”

“Você também quer ser psicanalista?”

“Não, eu quero estudar Joseph Bródski. É por isso que estou fazendo russo. Aliás, tenho más notícias: não vamos mais ficar na mesma classe. Tive de mudar de turma por causa do meu laboratório de psicologia.”

“Que pena.”

“Pois é... eu adorava ter aula logo no início da manhã. Mas não se preocupe, acho que a gente mora no mesmo prédio. Matthews, né? Estou no quarto andar. A gente vai acabar se vendo muito.” Fiquei comovida e envaidecida com toda aquela convicção. Anotei seu telefone na mão, e ela anotou o meu na agenda. De cara me tornei a figura impetuosa da relação — a que se importava menos com tradições e segurança pessoal, que avaliava todas as situações do zero, como se acontecessem pela primeira vez —, ao passo que Svetlana era a que aderiu a regras e sistemas, que anotava as coisas no lugar certo e que via a si mesma como a herdeira de séculos de responsabilidades e história humana. Em pouco tempo já estávamos fazendo comparações, tentando determinar qual era o melhor modo



“Adeus”, Nina disse.

O pai de Ivan não respondeu.

A história fora engenhosamente escrita, usando apenas a gramática que tínhamos aprendido até então. Como não tínhamos estudado o caso dativo, o pai de Ivan, em vez de entregar a carta *para* Nina, teve de dizer “Lá, sobre a mesa, tem uma carta”. Porque não tínhamos aprendido os verbos de locomoção, não se podia dizer logo de cara “Ivan foi para a Sibéria”. Em vez disso, Ivan escreveu: “Quando você receber esta carta, estarei na Sibéria”.

A história tinha um tom empolado; ainda assim, ao ler, você se sentia totalmente dentro daquele mundo, um mundo onde a realidade espelhava os limites gramaticais, e tudo o que a disciplina de “Russo I” não pudesse nomear não existia. Não havia “foi” ou “enviou”, nem intenção ou causalidade — simplesmente aparições e desaparecimentos sem explicação.

Me peguei lendo e relendo a carta como se tivesse sido escrita para mim mesma, tentando descobrir onde estava Ivan e se ele se importava comigo ou não.

Para o seminário de cinema de não ficção, assistimos a *O homem de Aran*, um filme mudo dos anos 1930, ambientado numa ilha irlandesa. Primeiro, uma mulher balançava um bebê num berço. Isso levou um bom tempo. Em seguida, um homem acertava uma baleia com um arpão, depois raspava alguma coisa com uma faca. A legenda dizia: “Preparando sabão”. Por fim, o homem e a mulher remexiam a terra: “O povo de Aran precisa arar o solo inóspito para plantar tomates”.

hoje, estava trabalhando. Só consegui fazer um lanche'. O que foi?", gritou.

"Alguém está batendo na porta há dez minutos."

A porta se abriu, e Svetlana entrou. "Vocês já estão dormindo?"

"Não, estou de saída", expliquei. "Obrigada por me ajudarem com a tarefa", disse para Angela e Hannah. Isso era a melhor coisa da faculdade: era fácil ir embora. Você podia estar no lugar onde você mora, no meio de uma discussão que você mesma provocou, dizer simplesmente "Já vou" e ir embora.

Enquanto vestia a jaqueta, olhei para o quarto, tentando enxergá-lo pelos olhos de Svetlana. Não havia quase nada nas paredes, só o pôster do Einstein, uma flâmula de Harvard da Angela e alguns certificados que Hannah tinha imprimido no computador dela. Imprimiu um "Prêmio de Procrastinação", que concedeu a si mesma, e um "Prêmio de Melhor Colega de Apartamento", que eu ganhei e que foi meio triste, tanto porque Hannah queria muito ser amada, como porque o prêmio era em parte um insulto à Angela. Eu não o pendurei na parede.

Svetlana queria que escrevêssemos e ilustrássemos uma história cheia de depravação e decadência. Compramos cartolina, cola, canetinhas e um exemplar da *Vogue*. "Acho que minha colega de quarto está com laringite", comentou. Passamos na farmácia e ela comprou ainda uma caixa de chá medicinal. "Ou é isso ou não quer falar com a gente. Mas ela precisa aprender a ser socialmente funcional."

Tudo que Svetlana dizia me causava uma forte impressão: a certeza dela de querer escrever um livro sobre pessoas depravadas, a ideia que tinha de como a colega de apartamento tinha de se comportar e a suposição de que um chá tornaria alguém socialmente funcional.



que vale a pena estudar. Como ela poderia se diferenciar do irmão, se ele é a única base de comparação que ela tem?

“Agora ela está cursando uma matéria de física da qual só os calouros mais avançados participam. Dos vinte e cinco melhores estudantes entre todos os calouros, é provável que ela esteja entre os três primeiros, mas, em vez de se sentir feliz com isso, fica envergonhada por estar na mesma categoria que os outros. Até porque, quando era calouro, o irmão dela já estava fazendo uma disciplina da pós.”

O livro que Svetlana queria escrever a quatro mãos era sobre a iniciação sexual de um fracassado ladrão de automóveis russo em Paris. O nome dele era Igor e era representado por um cara sentado numa rocha num anúncio de perfume na *Vogue*. Svetlana recortou a figura, colou num pedaço de papel e desenhou o resto da cena com grande segurança, quase sem hesitar quanto a qualquer detalhe.

“Eu desenho como uma criança do jardim de infância, então não ria”, ela disse. Igor estava sentado sob uma lâmpada exposta, num colchão sem lençol, os pés de molho numa banheira, perto de um cinzeiro, um telefone e algumas garrafas vazias. Pela porta atrás dele se via uma privada com a tampa levantada.

*Igor estava mal, Svetlana escreveu. Fazia duas semanas que sobrevivia comendo sanduíches de mostarda. Roubou a mostarda da mesa de um café.*

“Puxa”, eu disse. “E ele vai ter a primeira relação sexual nessas condições?”

Svetlana disse que sim. “Essas coisas acontecem quando você menos espera.” *Naquela noite ele tinha fumado seu último cigarro e*

“Alexei Alexeich, preciso encontrar Ivan”, Nina disse. “Onde você acha que ele está? Você acha que ele pode estar com a mãe?”

O pai de Ivan suspirou. “Na carta, ele diz que está com meu irmão.”

“Você ligaria para o seu irmão e perguntaria se é verdade?”

“Impossível”, disse o pai de Ivan.

“Por favor, Alexei Alexeich. Preciso da sua ajuda.”

Lentamente, ele pegou uma caneta e um papel e anotou um número. “Aqui está o número dele”, disse. “Por favor, não volte mais aqui.”

Nina pegou o papel e guardou na bolsa. “Obrigada”, disse.

Por um longo tempo, depois que ela se foi, Alexei Alexeich ficou parado, olhando pela janela. “De novo, meu irmão!”, pensou, amargamente. “Primeiro, minha esposa; agora, meu filho...”

Em casa, Nina ligou para o número que o pai de Ivan lhe dera.

Pôde-se ouvir a voz de uma mulher. “Laboratório de Cosmologia e Física de Partículas Elementares.”

Nina ficou muito surpresa e nada disse.

“Alô? Alô?”, a mulher falou. “Tem alguém aí?”

“Desculpe”, Nina disse. “Não é da fazenda coletiva Siberian Spark?”

“Não. Este é o Laboratório de Cosmologia e Física de Partículas Elementares, no Centro Científico Novosibirsk, na Divisão Siberiana da Academia Russa de Ciências.”

“Estou procurando por Ivan Alexeich Bazhanov, um jovem físico. Ele trabalha no seu laboratório?”

cantarolando “Hitita, Hitita, Hitita”. Os hititas eram amados por todas as crianças turcas, porque Atatürk disse que os turcos descendiam deles — então tudo bem a Anatólia ser a terra natal dos turcos. Tinha a ver com os Catorze Pontos, com o direito à autodeterminação dos povos.

No fim, Svetlana conhecia todas essas marcas, pois também eram vendidas em Belgrado, e as palavras para berinjela, feijão, grão-de-bico e ginja eram as mesmas em servo-croata e em turco. “Faz sentido”, ela disse, “já que os turcos ocuparam a Sérvia por praticamente quatro séculos.” Concordei, como se soubesse do que ela estava falando.

Svetlana comprou meio quilo de chá a granel e perguntou num russo exageradamente correto se era verdade que a loja alugava vídeos. Um dos atendentes apresentou uma pasta com uma lista de títulos. Svetlana folheou as páginas plastificadas muito mais rapidamente do que eu conseguia acompanhar e escolheu uma comédia soviética sobre um agente de seguros de carros. O atendente magrelo entregou a fita, o gordo pediu a ela que escrevesse nome e endereço num caderno de registros.

“Escrevo em inglês... ou em russo?”, perguntou Svetlana.

“Como você quiser, não importa”, respondeu o atendente. “Você é da Rússia?”

“Não, não sou russa.”

“Não é russa? E como você fala russo perfeitamente?”

“Não falo russo perfeitamente. Sei dizer algumas coisas. Estou fazendo um curso na universidade.”

“Para mim, soa perfeito. E eu, bem, sou russo.”

“O caso é que, pela nacionalidade, eu sou sérvia.”

“Ah, bom”, disse o atendente gordo.

“Ela é o quê?”, perguntou o magro, voltando com a fita.



forçam a pensar sobre coisas diferentes. Turco, por exemplo, tem um sufixo, *-miş*, que você adiciona a verbos para relatar qualquer coisa que você não presenciou pessoalmente. O tempo todo você informa seu grau de subjetividade. Está sempre pensando sobre isso, toda vez que abre a boca.

O sufixo *-miş* não tinha um equivalente exato em inglês. Podia ser traduzido por “parece que” ou “ouvi dizer” ou “aparentemente”. Eu o associava a Dilek, meu primo por parte de pai — o pequeno e magrelo Dilek, de pele escura, que tinha a minha idade, mas era muito menor. “Você reclamou-*miş* pra sua mãe”, Dilek me dizia, com sua voz calma e precisa. “O cachorro assustou-*miş* você.” “Você contou-*miş* aos seus pais que se a tia Hülya viesse pros Estados Unidos ela podia morar na sua garagem.” Ao ouvir o *-miş*, você sabia que tinha sido evocado na sua ausência — não só você, mas sua hipocrisia, sua covardia, sua falta de generosidade. Toda vez que eu ouvia aquilo me sentia flagrada. Eu *tinha* medo de cachorros. Reclamei, sim, para a minha mãe, muitas vezes. E o modo *-miş* foi uma das coisas *sobre* as quais eu reclamei. Minha mãe tinha achado engraçado.

Na aula de russo aprendemos o verbo “gostar” e falamos de que tipos de filme nós gostávamos. Eu disse que gostava de documentários. Varvara pareceu incrédula. “Você não acha chato?”

Olhei para baixo. Era tão óbvio assim?

Ivan disse que gostava de filmes do Fellini. Varvara disse que, então, ele gostava de filmes italianos. Eu não sabia nada sobre Fellini; minha imagem mental era a de um gato do tamanho de uma pessoa.

No dia seguinte, quando Ralph e eu estávamos jantando, Svetlana veio até nossa mesa. “Posso sentar com vocês? Não estou atrapalhando nada?”

“Pode, claro”, Ralph respondeu. Svetlana pousou a bandeja e contou da amizade da Valerie com uma garota surda da aula de física chamada Patience. “Eu nem acho que a Val goste tanto dessa menina, mas você não pode simplesmente dispensar uma pessoa surda chamada Patience. Deve ser tão cansativo conversar com ela! O.k., ela sabe fazer leitura labial, mas você precisa estar parada na frente dela e falar com clareza, tentando ao mesmo tempo não parecer condescendente. Com algumas pessoas ela não consegue entender nada, então a Valerie traduz. A Valerie também faz todas as ligações dela. É muito estressante. Não sei quanto tempo isso vai durar.

“Já a Samambaia está com uma irritação no pescoço por conta da prova de bioquímica. Ela sempre desenvolve alguma irritação, mas dessa vez parece urticária se espalhando pelas costas. É bem nojento, então não vou entrar em detalhes enquanto vocês comem. Naturalmente, ela se recusa a ir ao médico. Olá, eu sou a Svetlana, você deve ser o Ralph. Eu apertaria sua mão, mas acho que estou pegando o resfriado da Samambaia. Ainda tem essa — ela está resfriada. Desculpa, estou falando demais. É que é um alívio tão grande não ter de me preocupar com leitura labial.”

Depois do jantar, terminamos indo ver *Casanova*, de Fellini, no Arquivo de Cinema. A calçada era estreita demais para que nós todos andássemos juntos, então caminhei ao lado de Ralph. Falamos sobre como Jackie não quis ler as memórias de Casanova, que ela considerava um charlatão, mas Cassini a convenceu a ler e mais tarde ela lhe escreveu um elegante bilhete de agradecimento por isso.

Foi para Ralph que eu quis contar imediatamente o que tinha acontecido com o casaco, pois eu sabia que ele ia melhorar o meu astral. Ele disse que devíamos sair para fazer compras. Ele próprio precisava de camisas. Decidimos ir à Filene's Basement, que era considerada uma parte importante da vida em Boston.

Do topo da escada rolante, a Filene toda se espalhava à sua frente, como um tipo de tapeçaria histórica. E logo você estava nela. Até onde a vista alcançava, consumidores lutavam por suéteres de caxemira, vestidos de festa infantis e calças de alfaiataria com uma hostilidade primitiva que parecia ameaçar os próprios valores burgueses incorporados naquelas roupas. Uma pilha de malhas térmicas parecia um amontoado de almas arrancadas de seus corpos. Mulheres revirando aquelas almas empilhadas vez ou outra seguravam uma delas no ar, que ficava ali suspensa, toda flácida e largada.

Ralph, como descobri, tinha opiniões bem detalhadas e específicas sobre roupas femininas. “Você pode comprar essa peça aí e começar a andar com uma bolsa de palha”, ele disse, referindo-se a uma espécie de túnica.

Encontrei uma jaqueta de couro vermelha com capuz, com setenta e cinco por cento de desconto, no que parecia meu tamanho, e abri caminho até um espelho disputado apenas por duas mulheres. Posicionando-me atrás delas, tentei ver como eu ficava com a jaqueta. Não estava claro para mim qual era a vantagem disso, pois eu lera num estudo científico que a maioria das garotas e jovens mulheres não se avaliava com precisão quando se olhava no espelho. No fim, comprei uma capa preta sem forma que cobriria qualquer coisa e lembrava o capote do Gógol.



Por algum motivo Boston tinha me deixado especialmente comovida nessa chegada, com a atmosfera particular da cidade. No trem para Cambridge, eu organizava e reorganizava os nomes das estações.

Eliot, Holyoke, Copley Square,  
Symphony, Wollaston, Hoosac Pier,  
Marblehead, Maverick, Fenway Park,  
Haymarket, Mattapan, Codman Yard,  
Wonderland, Providence, Beacon Hill,  
Watertown, Reservoir, Mystic Mall.

Harvard Square parecia nova e familiar ao mesmo tempo. Eu sentia que só de olhar eu poderia dizer que essa configuração de edifícios e ruas era familiar e cheia de significado para muitas pessoas, não só pra mim. Era estranho visitar um subúrbio que ninguém nunca visitava e depois voltar para esses corredores e edifícios imensamente conhecidos para onde, por séculos a fio, tinham vindo estadistas, escritores e cientistas famosos.

Quando cheguei ao dormitório, alguém estava sendo carregado numa maca. Era Hannah. “Selin!”, ela gritou, acenando. “Não é engraçado?”

“Por favor, deite”, um paramédico disse.

“Eu caí da escada. Acredita?” Ela se deitou antes que eu pudesse responder, e os paramédicos retomaram o percurso em direção à ambulância.

Hannah passou a noite na enfermaria. Eu dormi por catorze horas seguidas. No dia seguinte, fui à loja Army Navy comprar luvas. A prateleira da Army Navy era dominada por luvas sem dedos, multicoloridas e gigantes, da América Central. Também havia alguns

#### 4. UM ROMANCE DE LABORATORIO

Um jovem alto esperava do lado de fora do escritório. Nina viu apenas as suas costas, mas o reconheceu imediatamente. “Ivan!”, ela gritou.

O homem se virou. Não era Ivan — pelo menos, não o Ivan da Nina.

“Desculpe”, disse Nina, constrangida. “Estou procurando meu colega Ivan Alexeich Bazhanov. Mas agora vejo que você não é ele.”

Ele sorriu. “Não, eu sou Ivan Alexeich Boiarski. Tenho o mesmo nome e patronímico, mas um sobrenome diferente.”

“Eu me enganei”, Nina disse. “Desculpe. Adeus.”

“Para onde você está indo?”

“Para o Laboratório de Cosmologia e Física de Partículas Elementares em Novosibirsk.”

“Isso fica a três quilômetros. E você está com uma mala”, observou Ivan Boiarski. “Vamos no meu trator.”

As pessoas na Sibéria eram gentis.

Nina bateu na porta do laboratório do tio de Ivan. A porta foi aberta por... Leonid, o rapaz do táxi!

“Nina? Que felicidade! Mas não entendo. Por que está aqui?”

“Estou aqui porque... Porque o professor Bazhanov é meu parente”, Nina mentiu. “E você, Leonid, o que faz aqui?”

“Estou visitando este laboratório para estudar as propriedades elétricas do gelo permanente do solo.”

“Que interessante”, Nina disse. “O professor Bazhanov está aqui?”

“Não, agora ele está no campo de gelo.”

Eu estava ficando sem dinheiro, então me candidatei a um emprego na biblioteca. Quando contei para a minha mãe, o telefone ficou mudo por um bom tempo; mesmo antes de ela dizer qualquer coisa, eu já tinha entendido que ficara furiosa. Se ela trabalhou *tanto*, era para que eu pudesse me dedicar aos meus estudos e não me preocupar com dinheiro; se eu precisava de mais dinheiro, ela sacaria mais da aposentadoria dela e me enviaria um cheque. Caso eu de fato quisesse fazer algo de útil à sociedade, não havia nada como serviço comunitário. Fiquei imediatamente constrangida por querer mais dinheiro. Mais dinheiro pra quê? Mais sapatos horrendos, mais filmes deprimentes?

Por pura culpa, pelo hábito de escutar minha mãe e por um interesse pelo tema da aquisição de uma segunda língua, me inscrevi para ensinar inglês num programa de educação para adultos de um conjunto habitacional. Acabou que eles já tinham muitos professores de inglês e estavam precisando mesmo era de professores de matemática. Eu não estava lá muito interessada em saber mais sobre matemática escolar, mas ninguém disse que estamos neste planeta para nos divertir.

Para chegar ao conjunto habitacional, você pegava um ônibus até a escola de medicina, caminhava por quinze hospitais, depois cruzava literalmente uma linha de trem. Eu nunca tinha ido a um conjunto habitacional, mas esperava que tudo tivesse um aspecto precário e remendado. Havia alguma coisa terrível naquela solidez institucional. Você via que os edifícios sempre tinham sido deprimentes, eram deprimentes no projeto e na construção, e continuariam sendo deprimentes, talvez por centenas de anos, até que alguma coisa poderosa os demolisse. Alguns tufos de capim verde pareciam os últimos vestígios de cabelo na cabeça de uma pessoa careca que insistisse em negar a realidade. Todas as



A história era confusa e triste. Nina descobriu que Ivan estava trabalhando no laboratório do tio dele e que tinha casado com uma geoquímica. Mas você não tinha certeza de nada, pois ela não chegou a conversar com ele — ela só viu a mesa com uma placa e um recado da esposa.

“Quem escreve essas coisas?”, perguntei. A capa do livro didático não dizia nada. Só se lia *Russo I*.

“Não tenho a menor ideia”, Svetlana disse, voltando ao livro de psicologia.

Peguei minha edição crítica de mil e duzentas páginas de *A casa soturna*, que era simultaneamente envolvente e desgastante, como um sonho inacreditavelmente longo de outra pessoa. Pela centésima vez li a mesma frase:

Vholes por fim acresce, como cláusula adicional a essa declaração de seus princípios, que, como o senhor Carstone está prestes a retornar ao regimento, talvez o senhor C. possa favorecê-lo com uma ordem de vinte libras.

Mais uma vez Vholes por fim acresceu a cláusula sobre o senhor C. e o dinheiro. Mais uma vez o senhor C., o agente dele, as vinte libras... talvez.

Svetlana sublinhava alguma coisa sobre despersonalização, enquanto sua mão esquerda brincava com o colar de âmbar.

“Esse colar é lindo”, eu disse.

“Hum?”, ela disse. Decidi que eu tinha de fazê-la tirar os olhos do livro.

“Seu colar”, eu disse. “É lindo.”

“Ah, esse colar? Foi um presente do meu analista.”

Quando mencionou o analista, eu soube que tinha vencido e que ela conversaria comigo em vez de ler.

aproximando de mim. Ela se inclinou, roçando meu cabelo, e ouvi o som de um leve corte. “Essa abordagem é nova”, ela disse. “Tirar sangue da orelha.” A enfermeira me mostrou um mapa mimeografado roxo e borrado e perguntou se eu tinha ido a alguma das regiões destacadas nos últimos dois anos. Não era um mapa muito grande — a Turquia inteira era do tamanho de uma uva. A parte de baixo estava destacada.

“Isso aqui é tipo o sul inteiro da Turquia?”, perguntei. A enfermeira respondeu que era apenas o sudeste da Anatólia. Eu disse que tinha ido ao centro-sul. Ela respondeu que aquilo não era clinicamente importante. Então perguntou se eu tinha tido relações sexuais com algum homem que tivesse transado com outro homem desde 1977, ou se eu tinha aceitado drogas ou dinheiro em troca de sexo, ou dado drogas ou dinheiro em troca de sexo. “Vou precisar te interromper”, eu disse. Ela me olhou com expectativa. “Eu nunca fiz sexo com ninguém.”

Ela olhou pra mim mais atentamente, por cima dos óculos. “Você fez sexo com alguém que transou em troca de drogas ou dinheiro?”

No andar de baixo, cortinas tinham sido fechadas, cobrindo as janelas de vidro espelhado. Deitei na cama. Havia uma ficha grudada no teto: *Pergunta rápida: Da perspectiva do Polo Norte, a terra gira em sentido horário ou anti-horário?*

“Boas veias”, a enfermeira comentou.

“Ah, obrigada.”

O pulso no meu braço desacelerou, minhas mãos ficaram frias. Pensei sobre o mapa mimeografado, sobre o mapa da Anatólia e sobre em que direção a Terra girava. No fim, adivinhei por conta da canção de *A Bela e a Fera* que falava sobre “amanhecer no Oriente”. Uma figura branca em forma de pipa se aproximou. “Algumas pessoas são mais lentas.”

importava com a rena gentil e as raposas lustrosas. Que felicidade trabalhar muito e esquecer tudo!

Nina ficou amiga de Ivan Boiarski — Ivan-2, como ela o chamava — e de sua bela esposa ucraniana, Ksenia. Às vezes Nina se perguntava: O que teria acontecido se Ivan-2 não fosse casado? Ela teria se apaixonado por ele? Estranho. Por que todos os Ivans do mundo eram casados?

Semanas passaram. Era Ano-Novo. Nina, Ivan-2, Ksenia, a diretora e todos os trabalhadores beberam champanhe soviético. “Feliz Ano-Novo!”, disseram uns aos outros.

Numa escura manhã de inverno, a diretora disse a Nina que ela tinha uma visita.

“Quem pode ser?”, Nina se perguntou.

De pé no escritório estava Leonid. Em sua mão estava o livro de física de Nina.

“Leonid!”, Nina disse. “Como me encontrou?”

Svetlana perguntara ao psiquiatra dela quanto tempo levaria para se curar. Ele respondeu que aquela era a pergunta errada. Aparentemente, ninguém nunca se “curava”. Ela perguntou, então, quanto tempo levaria para que ela conseguisse funcionar normalmente, e ele respondeu dois anos. De início, Svetlana achou aquilo uma eternidade, mas, depois de refletir, concluiu que não era tanto tempo.

“O que quer dizer funcionar normalmente?”, perguntei.

“Ser capaz de encarar o passado. Ter uma vida sexual normal. Não ficar acordada a noite inteira com crises de ansiedade.”



Ao final da aula, todo mundo se sentou no chão, enquanto os alunos mais avançados se revezaram quebrando placas de madeira. Os dois instrutores — um extraordinariamente alto, o outro notavelmente baixo — seguravam as placas. O aluno mais avançado, de faixa marrom, foi por último. O instrutor alto empilhou várias placas, em vez de apenas uma. Sorridente, o faixa marrom executou uma série de movimentos ornamentais, gritou e acertou a madeira com a mão. Não aconteceu nada. Ficou vermelho e acertou a madeira de novo. No terceiro golpe, o ruído da madeira se partindo foi audível. O quarto fez as placas desabarem no chão, gerando muitos aplausos. Ainda vermelho, o garoto cumprimentou os instrutores e sentou no chão.

“Ainda temos algumas placas aqui”, o instrutor mais alto disse, avaliando a sala. “Svetlana. Sente-se pronta?”

Svetlana devolveu um sorriso encabulado que eu nunca tinha visto e caminhou para o meio da sala, batendo nas pernas para limpar a calça. “Vou praticar uns chutes primeiro”, anunciou. A cada chute, seu calcanhar acertava o centro exato da placa. Repetiu o mesmo movimento várias vezes.

“Acho que você já pegou o jeito, Svetlana”, disse o instrutor, enquanto o calcanhar rosa e robusto dela continuava a atacar o centro da placa.

“Agora todos vocês conhecem minhas tendências obsessivas”, ela disse. Recuando um pouco, respirou fundo. O sorriso desapareceu, a perna explodiu como um pistão, e a placa de madeira se partiu em duas.

Certa manhã, a caminho de uma palestra sobre Balzac, me ocorreu com absoluta clareza que não havia a menor chance de

Mas, ao final da aula, eu ainda me sentia levemente irritada com Ivan, do jeito que você fica irritada com alguém na vida real quando a pessoa lhe disse alguma coisa ruim num sonho. Em vez de descer pelas escadas com ele, como fazíamos sempre, desci de elevador.

Nas férias, fui para a minha casa em Nova Jersey. Tudo estava esmagadoramente igual e levemente diferente. O burrico de plástico das irmãs Oliveri ainda se achava debaixo do salgueiro, no caminho de acesso, agora só um pouco menor do que era. A casa estava incrivelmente limpa, como uma cena de crime. Minha mãe agora tinha uma diarista. Havia arroz basmati no armário da cozinha, coisa que eu nunca tinha visto antes. Segundo minha mãe, desde que saí, a conta de água tinha caído oitenta por cento.

Minha mãe convidou alguns colegas para jantar, por uma razão: havia planejado o cardápio a partir de *O novo livro de receitas básicas*. Fiquei de fazer a sobremesa, um bolo nuvem com calda de amaretto e framboesa. Eu nunca tinha feito um bolo nuvem daquele na vida e fiquei muito animada quando ele começou a crescer, mas abri o forno cedo demais, e o bolo murchou até a metade, como uma civilização em colapso.

Os colegas da minha mãe eram cartunescamente terríveis. Difícil acreditar que eram hematologistas — a ideia de que cabia a eles fazer pessoas doentes se sentirem melhor era cômica. “Em quinze anos o departamento não vai ter nada além de rostos bege”, declarou o chefe do departamento, que usava uma gravata-borboleta. Soltei uma gargalhada. Todo mundo olhou pra mim. “Não acredito que você disse isso”, expliquei. Minha mãe trouxe o bolo, completamente solado.

“North Quincy”, avisou uma voz digital enquanto as portas se abriam para a escuridão brilhante.

“Não estamos indo na direção contrária?”, perguntou Valerie.

Olhamos para a porta aberta, e a porta fechou. “Próxima parada, Wollaston”, disse o robô.

Em Wollaston, levamos um bom tempo até encontrar as escadas para a plataforma oposta. Svetlana, além da mala, levava dois grandes sacos de lona. “Eu não sei por que comprei tudo isso”, suspirou. Valerie e eu arrastamos o saco mais pesado escada acima.

O campus parecia deserto. Metade das luzes na cantina estava apagada, e só havia um guichê funcionando, servindo espaguete e pêssegos enlatados. Nossas vozes soavam minúsculas no hall quase vazio.

Meu quarto estava incrivelmente silencioso — ouvia-se a neve caindo. Angela ainda estava em casa com a família, e Hannah, presa em Saint Louis por causa da neve. Ela me mandava e-mails frequentes contando tudo, às vezes em verso. Escrevi alguns versos de volta também.

A aula de russo começou na manhã seguinte. Ivan não apareceu. Tínhamos de falar sobre as férias.

Tentei trabalhar no apartamento, mas estava quieto demais. Toda vez que eu olhava pra cima, Einstein parecia me encarar com expectativa, como quem diz: *E agora?*

No fim, fui pra biblioteca e sentei numa janela do quinto andar com vista para Hong Kong Lounge, uma estrutura sem janelas que tinha um papel muito importante na imaginação de Hannah. “Sabe o que significa se você pedir um hot roll de ovo?”, ela perguntava frequentemente. Perto do Hong Kong tinha uma sorveteria Baskin-



meias-irmãs. Alegravam-se quando o príncipe a beijava. Evidentemente, elas não apenas se viam como nobres e boas, mas também queriam amar e ser amadas. Talvez não por qualquer pessoa e por todos, como eu queria ser amada. Mas, com a pessoa certa, estavam preparadas para formar uma relação baseada em afeto mútuo. Isso significava que a representação que a Disney fazia dos personagens cruéis não era precisa, pois os valentões da Disney sabiam que eram maus, orgulhavam-se disso e não amavam ninguém.

Na disciplina “Mundos construídos”, nos revezamos apresentando os mundos que construímos. Ham trouxe uma frota de pequenos monstros humanoides de chumbo, que organizou numa mesa em configuração de xadrez, simbolizando uma mudança de rumo numa longa guerra que vinham travando. Cada raça ou exército tinha as suas características, como expectativa de vida, superpoderes e fraquezas. Alguns lançavam teias pelas pernas, como aranhas. Outros não sentiam dor. E outros eram, na verdade, plantas. Não ficava claro se isso contava como superpoder ou como fraqueza.

Um estudante construía um mundo igualzinho ao de *Star Wars*. Era completamente idêntico ao de *Star Wars*, só que todos os personagens tinham antigos nomes galeses.

Outro estudante fizera aquarelas para acompanhar uma história escrita pela namorada. Não podíamos ver a história, pois a namorada era muito tímida e vivia em Minnesota, mas parecia ser sobre uma garota seminua que vivia sozinha na praia. Uma das aquarelas, com a legenda “Querida que você pudesse me levar junto”, representava uma moça de joelhos na areia, contemplando um bando de pássaros.

diferençazinha de nada no seno, e você já começa a *viajar* ao redor do círculo. Percebe?”

Depois da aula, fui até o quarto de Svetlana. Ela estava sentada no chão, rosada e atordoada, segurando o telefone bege no colo.

“Não ficou sabendo?”, perguntou, erguendo os olhos marejados. “Joseph Bródski morreu.”

Svetlana ouvira a notícia naquela manhã, mas seu subconsciente já tinha tido tempo de incorporá-la a um sonho, pois ela tinha tirado um cochilo depois do almoço. Sonhou que eles estavam sentados de pernas cruzadas perto de uma fonte do lado de fora do Science Center, ela e Bródski e algumas outras pessoas, num círculo, passando grãos de milho de mão em mão. Havia um vago som de campainha, e o céu tinha cor de cinzas. A fonte tinha secado. Eles rezavam por chuva. O céu foi escurecendo, mas a tempestade não veio — era um eclipse solar.

Recolhi um livro com a capa virada para o chão — era *Para Urânia*, em russo. Abri uma página ao acaso. Reconheci aproximadamente uma palavra em cada verso: “aqui”, “seu”, “provavelmente”.

Voltei para o meu quarto, sentei na escrivaninha e chequei o e-mail. Quando vi o nome de Ivan na caixa de entrada, tive um sobressalto e percebi que passara o dia inteiro torcendo para que ele me escrevesse. O assunto era: Sibéria. Li a mensagem várias vezes. Não conseguia entender do que tratava. As palavras individuais e mesmo as frases faziam sentido, mais ou menos, mas juntas pareciam ter sido escritas em outra língua.

Querida Selin, Sônia — tive um sonho estranho, a mensagem começava. O sonho era sobre o rio Lenissei. Agora eu sei que você

“Devia estar ocupado.”

“Ele deve ter uma vida interior muito rica”, Svetlana disse. Eu ri. Ela não ria. “Você realmente não vê nada de estranho nele? O jeito que ele olhou pra você — como se estivesse tentando olhar *dentro* de você. Não ficou constrangida? *Eu* fiquei constrangida.”

Eu não tinha ficado constrangida.

Ivan me escreveu um e-mail cujo assunto era Lênin. Disse que os russos estavam pensando em remover Lênin da tumba da Praça Vermelha. De alguma forma Ivan se sentiria solitário sem ele. Lênin sempre tinha estado presente — Lênin, como o retrato na minha parede, escreveu Maiakóvski, citado no livro da quarta série dele. Nunca aprenderam nada sobre por que ele se matara.

Depois de 1990, todos os monumentos a Lênin em Budapeste foram recolhidos e depositados num parque fora da cidade. Lá formaram uma comunidade maravilhosa: bem mais agradável do que como imaginava o comunismo. Lênin saudava Lênin na frente de outro Lênin, enquanto um proletário — chamavam de “a estátua da chapelaria” — corria atrás dele com um estandarte: Você esqueceu seu suéter, senhor. Mais ao fundo, o Lênin gigante e sorridente fora devassado por vândalos no começo dos anos 1980. Calado, Ilitch, somos surdos: em 150 anos não viramos turcos, escreveram os vândalos. Em húngaro a rima era melhor.

Outra estátua de Lênin, presente do povo soviético, fora danificada no trem que viera de Moscou. O topo da cabeça caiu e se perdeu. Escultores húngaros rapidamente fizeram um chapéu para Lênin, talhado no melhor mármore. Na cerimônia magnífica em que a estátua foi apresentada, tornou-se óbvio que Lênin tinha dois chapéus: um na cabeça, outro nas mãos.



delicada que precisava de uma luz muito forte brilhando sobre ela a noite inteira.

A mãe de Svetlana nos levou pra almoçar num restaurante franco-cambojano.

“Selin, esta é minha mãe, Sasha”, Svetlana disse. “Mãe, esta é minha amiga, Selin.”

A mãe da Svetlana me encarou. “Querida”, ela disse, rispidamente, “você não tem outro casaco?”

Eu estava usando o capote gogoliano da Filene, que me cobria até os tornozelos. Quando expliquei que meu casaco fora roubado, a mãe da Svetlana ficou horrorizada. “Roubado? Meu Deus! Svetlana, você deve ter uma jaqueta velha que possa dar pra Selin. Talvez a jaqueta roxa de esqui? Ainda está lá em casa. Posso mandar pelo correio.”

“Mãe, aquela jaqueta tem dois anos. As mangas estão curtas em *mim*. Não vai caber na Selin nunca.”

“Ah, verdade, Selin, você é maior do que a Svetlana. Que pena.”

“Eu gosto do casaco da Selin.”

“Ah, eu também, não me compreenda mal. É... elegante. Talvez elegante demais. Talvez só um pouquinho ridículo. Mas é claro que você deve usá-lo até conseguir outro. Não vá morrer congelada.”

Uma cumbuca de barro foi trazida para a mesa, com alguma coisa que fervia furiosamente no leite de coco. A mãe da Svetlana relembrou o feriado favorito de sua infância. “A gente ia para o — qual a palavra mesmo? Onde ficam os mortos. Cemitério, cemitério. O cemitério turco. E todo mundo dançava sobre os túmulos. Tinha uma banda, não muito grande, talvez cinco ou seis músicos, e muitas flores, e as garotas usavam os vestidos de seda mais bonitos. Vestidos vermelhos, amarelos, brancos, todas as cores. Era uma festa linda.”

“Onde você quer viver depois da universidade?”, perguntei, embora não fosse parte do exercício e não usasse o caso instrumental.

“Depois dessa universidade, aqui?” Ivan apontava pro chão. “Aqui, em Harvard?”

“Sim, depois da universidade aqui, em Harvard.”

“Quero morar em Berkeley.”

Tentei lembrar onde ficava Berkeley. “Na... Califórnia?”

Ivan confirmou. “Quero fazer uma pós-graduação em Berkeley, na Califórnia.”

Eu nunca tinha ido pra Califórnia, nem nunca tinha pensado na Califórnia.

Varvara entregou o último fascículo de “Nina na Sibéria”. Empregava todos os seis casos gramaticais. Ivan e eu descemos juntos pela escada.

“O que você vai fazer agora?”, perguntou. Parecia uma coisa existencial.

Tentei responder à altura: “Eu não sei”.

Ele diminuiu o passo. “Vai pra alguma aula?”

“Só daqui a uma hora”, expliquei. “O que *você* vai fazer agora?”

Ele hesitou por uma fração de segundo. “Tenho aula.”

“Oh.”

“Não estou muito a fim de ir.”

Então *não vá*, tentei dizer. Ele segurou a porta pra mim — uma pesada porta corta-fogo. Não gostei de andar na frente dele. Não gostei que ele saísse do meu campo de visão, nem gostei que pudesse ver minhas costas. Quando nos despedimos, fui para o centro estudantil, onde comprei um café e sentei para ler sobre a vida de Nina.

ou vergonhoso que um professor de literatura ficasse de pé diante de uma classe e dissesse que interpretação era algo infinitamente inútil.

“Acabamos de ver uma cena chocante”, o professor continuou. “Nessa cena, um globo ocular é cortado em dois. Claro, enquanto filmava, Buñuel não usou de fato o olho de uma mulher. Usou o olho de uma vaca.”

O garoto ao meu lado pareceu sofrer algum tipo de espasmo e anotou alguma coisa no caderno. Dei uma olhada. Numa caligrafia brusca, escrevera: *olho de vaca*.

“Contudo”, continuou o professor, “mesmo se o próprio Buñuel não tivesse realizado tal ato de violência humana, o próprio cinema já era uma mídia nova e violenta. O cinema é uma mídia que fragmenta e desmembra o corpo humano. Vemos a cabeça do ator, mas não vemos seu rosto. É como se ele tivesse sido decapitado. Mas não parece morto. Ele fala e se move como uma pessoa viva. Que paradoxo! No tempo de Buñuel, os espectadores levantavam-se para olhar atrás da tela, procurando o resto do corpo. Ninguém jamais tinha visto o corpo humano fragmentado dessa forma, e só isso já era um choque terrível.”

Quando ele chamou o cinema de “paradoxo”, senti uma onda de dor quase física. “E quanto aos retratos?”, desabafei.

O professor virou-se na minha direção e fixou seu olhar desolado na minha cara. “Retratos?”

“Num retrato você vê apenas a cabeça de uma pessoa, sem o corpo. E ninguém acha que a pessoa no retrato foi decapitada.”

“Ah — o busto”, ele disse. “Acho que você está se referindo aos bustos gregos e romanos, não? Por exemplo, um busto de Afrodite. No entanto, o que vemos no museu exposto como busto muitas vezes é na verdade a cabeça de uma estátua arrancada do corpo, por conta



de lençóis brilhantes levemente acinzentados que alguém tinha lavado junto com uma camiseta vermelha.

Comecei a sentir que eu vivia duas vidas: uma delas consistia dos e-mails que eu trocava com Ivan; a outra, aulas. Uma vez, poucas horas depois de receber um e-mail seu, encontrei com Ivan na rua. Eu sabia que ele tinha me visto, mas fingiu que não. Continuou andando e não disse nada.

Mais tarde, eu estava indo à academia com Svetlana e passamos por um rapaz que eu conhecia da aula de linguística. “Oi, Selin, como está?”, ele perguntou. Parei pra responder. Svetlana também teve de parar, e o rapaz também. Nenhum de nós podia continuar até que eu dissesse alguma coisa. Mas pensei, e pensei, e não consegui encontrar nada pra dizer. Depois de um instante que pareceu durar muitas horas, desisti e voltei a caminhar.

“O que foi aquilo?”, Svetlana perguntou. “Quem era aquele?”

“Nada. Ninguém.”

“Por que você não falou com ele?”

“Não consegui pensar numa resposta.”

Svetlana me encarou. “Como está’ não é uma pergunta. Ele não queria realmente saber como você está.”

“Eu sei”, respondi, me sentindo péssima.

“Eu sei que você despreza convenções, mas você não deve deixar isso chegar num ponto em que você seja incapaz de dizer ‘Vou bem, obrigada’ só porque não é uma enunciação original e brilhante. Você não pode ser não convencional em *todos* os aspectos da vida. As pessoas vão fazer uma ideia errada de você.”

Concordei. Era verdade que eu não queria ser convencional e queria dizer coisas significativas. Ao mesmo tempo, eu sentia que o